

Ayla Pereira de Camargo

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT: 16

Cultura Juvenis nas Escolas

Misoginia: a construção de uma narrativa para as novas gerações

Marília, São Paulo

2025



## MISOGNIA: A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA PARA AS NOVAS GERAÇÕES

Ayla Pereira de Camargo <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O padrão histórico de controle é marcado pela força das instituições, embasadas pelo capital cultural, social e econômico (BOURDIEU), sustentando a reprodução e a propagação das narrativas vigentes, e mais do que isso, na construção de uma cultura juvenil atual e consequentemente das relações de gênero estabelecidas nos espaços ocupados pela juventude. Segundo o Anuário Brasileiro de segurança pública 2024, as mulheres em especial, as mulheres negras, enfrentam cotidianamente diversas linguagens de violência, sobretudo em seus estratos mais baixos, marcado por questões raciais e de classe. A motivação desse projeto, foi pensar como estamos enxergando, enquanto sociedade e educadores, esse processo de desumanização que está em curso na história?

Isso porque, para banalizar a violência contra outro ser humano, é preciso primeiramente tirar a humanidade de alguns corpos. Na literatura atual, encontramos diversos apontamentos a respeito da contradição entre juventude e conservadorismo, sendo a geração Z, apontada como mais conservadora que as gerações anteriores. Segundo um estudo apresentado na convenção anual da Associação Americana de Pediatria (AAP), podemos dizer que há um aumento significativo no consumo precoce de pornô e que a linguagem pornográfica aumenta muito a probabilidade de comportamentos misóginos. Vale lembrar, que embora seja difícil precisar o rendimento exato, a indústria pornográfica é uma das mais lucrativas do mundo. E a pornografia que nos é posta, apresenta as mulheres como “objetos sexuais desumanizados”, ou seja, privadas de sujeição (GRATON, Isabela Alves, 2019).

A misoginia também passou a ser apontada, como “a força motriz de diversos ataques as escolas”, como afirmou o professor, pesquisador na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e dirigente da Campanha Nacional Pelo Direito à Educação, Daniel Cara, em Audiência na Assembleia, dos “Seis meses do massacre em Aracruz – memória, reparação e cuidado”. Em tempos de conexões digitais infundáveis, cabe ressaltar a necessidade de se pensar o papel dos algoritmos que codificam a linguagem para

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso ProfSocio pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. Marília / São Paulo. [ayla@unesp.br](mailto:ayla@unesp.br)



esses jovens e refletir sobre como a violência está sendo facilitada pelas novas inteligências artificiais e suas tecnologias. Que modelo de negócio é esse, que envolve plataformas digitais, fóruns anônimos, que segundo, Daniela Osvald Ramos, professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, “trata-se de um modelo de negócio que propaga conteúdos que incitam violência contra mulher, deliberadamente e intencionalmente”. Onde os meninos ainda crianças, são induzidos para o consumo de conteúdos que depreciam as mulheres, através de memes, figurinhas no whatsapp, e conteúdos associados aos chamados grupos “masculinista”, se tornando alvo fácil da construção de uma subjetividade coletiva, através de interações e experiências compartilhadas por esse grupo.

Desta maneira, se pensarmos que existe uma educação não formal, que também acontece dentro das escolas, é preciso investigar o que vem ocorrendo com a juventude brasileira no contexto contemporâneo. Mudanças sociais, políticas públicas, ambientais, demográficas e participação política, são temáticas complexas e absolutamente necessárias se queremos uma sociedade mais justa e saudável. Que sociedade é essa, onde estupros são valorizados na subjetividade das relações, através de cenários construídos como referências para o público em geral, como as chamadas “celebridades”? Pode um jogador de futebol, pagar fiança para um crime de estupro?

Assim, ao lidarmos com a persistência das desigualdades estruturais de violência de gênero, qual será a direção do projeto de nação que estamos construindo? Será que temos instrumentos suficientes para romper com modelos sexistas padronizados? Para frear essa onda de “novas” narrativas desumanizantes? Será que estamos mesmo em busca de possibilitar uma sociedade mais saudável e conseqüentemente mais justa e humana?

Diante dessa problemática, proponho uma reflexão sobre a maneira que a educação formal e crítica, desenvolvida principalmente no campo da sociologia, com seqüências didáticas em aulas dialogadas, podem ser um poderoso instrumento para analisar camadas mais profundas da realidade da vida dos jovens, mediada pela tecnologia. Na luta pela retomada ideológica da função social da escola, comprometida com a consciência construída para os jovens, ressaltar a importância desta disciplina, na identificação de narrativas que promovem relações violentas e desumanizadas.

O objetivo aqui neste artigo, é relatar parte de um projeto intitulado: “*Por uma Educação baseada no diálogo: parcerias para expandir a consciência*”, desenvolvido ao longo do trabalho vinculado ao Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino de Caraguatatuba, como Professora Especialista em Currículo (PEC), de Ciências Humanas e responsável pela



pasta da *Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero (EDSG)* das Escolas Estaduais do Litoral Norte de São Paulo. O projeto “*Por uma Educação baseada no diálogo: parcerias para expandir a consciência*”, teve como objetivo indagar e colaborar com a (re)construção da (in)consciência coletiva da cultura juvenil nas suas diversas perspectivas sociais que os envolvem. Através de rodas de conversas com desenvolvimento de sequências pedagógicas dialogadas realizadas nas Escolas Estaduais do Litoral Norte de São Paulo.

Neste artigo, apresento uma espécie de protótipo de uma futura proposta de pesquisa. Entendo que é necessário, ajustar lacunas e construir com mais rigor os critérios fundamentais da pesquisa científica. Entretanto foram realizadas diversas ações nessa perspectiva, aqui registro duas ações especiais, que teve como foco a violência de gênero e na construção da masculinidade, facilitada pelas novas tecnologias digitais, apresentadas nas Escolas Estaduais: Prof.<sup>a</sup> Nair Ferreira Neves de Ensino Integral localizada na cidade de São Sebastião (E.M) e na Prof.<sup>a</sup> Aurea Moreira Rachou, de Ensino Regular localizada na cidade de Ubatuba (E.F). A partir de uma sequência didática desenvolvida por cerca de três horas, realizei o registro e o resultado dessas atividades, no intuito de provocar uma investigação inicial da temática, sensibilizar a equipe e os professores, a fim de apoiar as unidades escolares no enfrentamento das violências cotidianas envolvendo meninos e meninas dessas unidades escolares.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar a juventude no contexto contemporâneo, para a construção de políticas públicas mais efetivas e assertivas, é urgente. Esse projeto pretendeu-se, trazer luz a necessidade de engajar a juventude para a responsabilidade da sua participação política. Uma participação ativa, ampla e comprometida. Provocando nos jovens estudantes, o ímpeto tão comum a juventude: a vontade de mudança! Desta maneira, compreender o perfil da juventude brasileira, questionar as políticas públicas sobretudo no ciberespaço direcionados a eles, e refletir o impacto da inteligência artificial na modulação do pensar, foram propostas nessas ações. Que se justifica, se entendermos as escolas, como locais fundamentais de atuação dos jovens, espaço onde constroem suas subjetividades, suas identidades. Onde dão início da jornada humana de forma coletiva, onde se entendem como sujeitos políticos de si mesmo. Por isso, compreender a juventude como construto histórico, numa perspectiva interseccional e política, é uma provocação para lembrar que a juventude não é passiva, mas ao contrário, é ela que ao logo da história se mobilizou nos mais diferentes momentos de

lutas. Assim, possibilitar uma reflexão e conscientização dos mecanismos de poder, tão silenciosos e perversos é absolutamente necessário. Questionando com isso, em que medida a escola compreende o jovem, como sujeito histórico, com suas características, interesses e perspectivas em relação a sua atuação no século XXI. Como estamos nos comunicando com essa geração? E quem e como, está se comunicando com essa geração? Essas perguntas permearam todo o percurso desse projeto.

Um ponto fundamental e inicial para pensarmos a linguagem mediada pelas novas tecnologias, é sobre a sensação de autonomia individual, que ela aparenta para os sujeitos. Uma contradição com a própria noção de humanidade, que só existe no coletivo de seres humanos, no conjunto das relações sociais. Assim, é preciso retomar aos conceitos marxistas, de que as relações sociais existentes acontecem imbuído na luta de classes, entre quem é dono dos meios de produção e quem vende a força de trabalho para os meios de produção. Essa é a relação estabelecida na sociedade de mercado, na sociedade capitalista. O capital se apropria da noção de humanidade coletiva e coisifica o trabalhador como uma parte do processo e não como autônomo do processo de produção. Mesmo que, ele incorpore o elemento histórico no conceito de forças produtivas, a autonomia da tecnologia, só existe em face das relações sociais, mas ela em si, está a serviço do capital (AUGUSTO, 2009, p. 313).

Vivemos um momento de imersão em tecnologias digitais, submersos em plataformas digitais, e como pontua Ricardo Antunes, vivemos o chamado, “capitalismo de plataformas”. Há aqui, uma alienação que estamos submetidos, em especial pela “falsa autonomia das tecnologias”, é preciso compreender em primeiro lugar, que a tecnologia e a inteligência artificial não são neutras, mas ao contrário produzem uma comunicação, uma ideologia.

Em entrevista ao podcast Brasil no Diva, da Carta Capital, Miguel Nicolelis<sup>2</sup>, levanta uma crítica a respeito da Inteligência Artificial que cabe atenção para pensarmos na proposta pretendida. Nicolelis, aponta o que de fato é a I.A, e como esse conceito engendrado pela mídia, é distorcido e perigoso. Segundo ele, a inteligência é uma capacidade da vida! E a I.A, não é exatamente inteligente, mas possui uma capacidade imensa de dar respostas através de códigos e símbolos que nós alimentamos com nossos dados. Mas o mais importante aqui, é a discussão a respeito da sua não neutralidade, ela carrega a ideologia de quem a criou e programou. Chamo atenção aqui, para a disputa que está em cima da mesa: Que é que tem o poder decisório das nossas próprias ações? Na medida que compreendemos que existe uma ideologia de quem a criou, se esse poder em disputa for delegado para a I.A, então o poder

---

<sup>2</sup> NICOLELIS, Miguel. A inteligência artificial vai superar a mente humana? Brasil no Diva, Carta Capital. 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7j26SNaxgKVwuD7VUVuSUB>. Acesso em: 10/06/24.



decisório pode ser amplamente excludente, misógino, racista, a depender de quem deu as cartas desses sistemas, que já sabemos, quando vemos na prática, o uso problemático do reconhecimento facial que apresenta falta de transparência e viés racistas em vários casos, como acompanhamos na grande mídia. Outro ponto fundamental citado por Nicoletti, diz respeito ao processo de cognição da sociedade. Que ele vai chamar de “Zumbis Digitais”. Fáceis de observar ao olhar o cenário de muitas escolas e espaços públicos. Uma pandemia de pessoas hiper concentradas em redes sociais, jogos e pornografia. Vivemos a era das mediações realizadas por aplicativos. E são esses aplicativos, que estamos enquanto sociedade, delegando parte dos momentos de existência. Ou seja, segundo o autor, com esse processo em curso, existe uma pausa no processo de apreender! Há um declínio cognitivo já constatado por pesquisas das mais variadas áreas. O que ressalto aqui, é que podemos compreender que a substituição do ser humano ou sua precarização pela chegada das novas tecnologias, é uma questão de ideologia, desenvolvida através de muitos mecanismos como o próprio marketing (fetiche da mercadoria) e não pela chegada das I.A.s. Estamos caminhando para sermos dependentes dessas narrativas através do controle tecnológico, sendo cooptados e desumanizados para os reais desafios do século XXI, tendo como principal deles a própria existência da espécie humana, perdendo talvez uma das essências mais pontuais da nossa espécie: o instinto de sobrevivência.

Destá maneira, como diria Gal Costa, “é preciso estar atento e forte”,<sup>3</sup> e se posicionar para indagar que narrativa é essa que está sendo construída e legitimada, e gerando uma onda massificada de violência, quase concreta, que paira no ar dos corredores e salas escolares entre os jovens. É imprescindível buscarmos entender o que está por trás desse modelo de negócio misógino, racista, homofóbico e violento. Qual é o campo de atuação da violência e para que ela é usada?

Acrescento a essa discussão, o modelo vigente que estamos falando: o neoliberalismo. Com isso, entendo que a violência é uma condição fundamental para a própria existência do neoliberalismo. Para tanto, será necessário refletir sobre a noção de poder que estamos inseridos nas microfísicas da engrenagem social. Aqui, recorro a clássica teoria de **Michel Foucault**, que em apresenta o pensamento do poder não como algo exercido sobre o outro, mas como algo que está presente em todos os níveis da sociedade, enfatizando, que as relações de poder, envolvem discursos, sistemas e ideias. Ou sejam, ideologias. Compreender a relação de poder como algo que é exercido, e não possuído, nos auxilia a identificar

---

<sup>3</sup> GAL COSTA. Divino, maravilhoso. 1969.



momentos sutis de mudança de comportamento no sistema neoliberal.

O desenvolvimento do projeto contou com organização de rodas de conversa entre estudantes e professores, e o desenvolvimento de conceitos presentes no currículo paulista da área das Ciências Humanas, em especial de Sociologia. Por isso, vale ressaltar o envolvimento dos docentes presentes nas ações. Há aqui, uma provocação dolorida, sobre como está a experiência profissional e o processo formativo de ensino aprendizagem, dentro do contexto de uma educação neoliberal. Se entendemos que o trabalho deveria nos humanizar e nos situar na forma de como nos relacionamos com a transformação da natureza, podemos dizer, que não é esse o curso do trabalho na sociedade do capital. Mas ao contrário, perdemos o horizonte dessa caminhada. Por isso, afetar a classe docente para despertar enquanto sujeitos políticos que somos, é fundamental. Desta forma, a proposta de desenvolver uma sequência didática, baseada na Teoria Histórico Crítica, de Dermeval Saviane, mesmo que no âmbito das construções das escolas públicas do Estado de São Paulo, podem ser possíveis e motivadoras! Mas para isso, é preciso estabelecer diálogos sinceros e profundos com os estudantes. É preciso que haja provocação, muita provocação. Que pode ser possível, se partimos da consciência dos conceitos e de sua relação com a vida cotidiana prática. A provocação inicial, se coloca presente na dialética final: afinal, qual é a função social da escola?

## **METODOLOGIA**

A abordagem pedagógica da Teoria Histórico-crítica, de Dermeval Saviane, marcou profundamente minha formação acadêmica. Demorei para compreender que a exercitava mesmo sem consciência. Somente ao retornar para a academia, dei conta da relação da teoria com o desenvolvimento da prática profissional. Desta maneira, a frente do Desenvolvimento Curricular de Ciências Humanas, desenvolvi o projeto intitulado: *“Por uma Educação baseada no diálogo: parcerias para expandir a consciência”*. A proposta, foi levar ações pontuais para as escolas com parcerias, como: o cineclube, artistas e escritores da região, que de forma voluntária ou na contrapartida dos projetos culturais de leis de incentivo, aceitavam ir às escolas a fim de desenvolver juntamente comigo sequências didáticas elaboradas para as ações pensadas no campo das Ciências Humanas. Porém, a pasta da *Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero (EDSG)*, me provoca uma atuação mais direta, visto que desde o início da minha jornada acadêmica, me proponho a estudar a partir da perspectiva da

temática de gênero. Com isso, baseada no acompanhamento dos conflitos, apontado pelos gestores, comecei a refletir sobre suas naturezas, como por exemplo: conflitos de violência entre os estudantes, vandalismo, violência entre as meninas, causadas por ações “românticas” nas redes sociais, naturalização da violência de gênero, indiferença nas relações entre eles, entre outros. Assim, elaborei uma sequência didática, específica para discutir com as escolas sobre a misoginia, suas vertentes e impactos. A sequência denominada de “Misoginia: a construção de uma narrativa para jovens da geração Z”, teve como público-alvo os jovens adolescentes das escolas estaduais.

A sequência elaborada, foi pensada para grupos de até 40 estudantes, num tempo de três horas aula. A escola podia fazer uma inscrição ou pensar em uma sala específica desenvolver a atividade. Realizei a sequência após o convite de duas escolas, como fruto da resposta a episódios de violência em ambas as unidades escolares. A primeira ação ocorreu na E.E. Prof.<sup>a</sup>. Nair Ferreira Neves, uma Escola inscrita no Programa de Escola Integral, localizada na região central do município de São Sebastião com cerca de 40 estudantes da 2ª série do E.M. A segunda escola, está localizada no sertão de Ubatuba: E.E. Aurea Moreira Rachou, escola de ensino regular. A ação foi realizada em dois momentos: com o 9º e 8º ano. Cada ação contou com pouco mais de 30 estudantes e alguns professores que cumpriram a aula como ATPC (Atividade de trabalho pedagógico coletivo).

Assim, a partir de um PPT, construído inicialmente sob a perspectiva do D.U.A<sup>4</sup> (Desenho Universal de Aprendizagem), ou seja, diversas linguagens para a explicação de uma mesma ideia. A pergunta norteadora da sequência foi: Existe uma narrativa misógina sendo alimentada para os jovens? Desde o início da apresentação, o convite é refletir sobre diversas linguagens que levam a isso. Assim, a primeira imagem da apresentação é um prédio em construção. E desta maneira, começo a desenvolver uma série de etapas reflexivas. A primeira, trata-se de compreender o significado das palavras/conceitos que iríamos trabalhar. A reflexão inicial da imagem, segue para as palavras chaves selecionadas para a discussão. A ideia aqui, foi compreender o que é uma construção e o que é, uma narrativa. Para isso, recorri primeiramente a etimologia das palavras chaves: Misoginia, Sexismo, Pornografia, Geração, Algoritmo, Inteligência Artificial e Feminismo.

Após a explanação do título da aula, com imagem e o significado das palavras, os alunos que estavam com folhas e canetas em mãos, foram convidados a observar e registrar, diversas manchetes de jornais e revistas, como por exemplo: “Podcast discute se a geração é

---

<sup>4</sup> Desenho Universal para a Aprendizagem é, “um conjunto de objetos, ferramentas e processos pedagógicos que visam a acessibilidade para a aprendizagem dos alunos” (PRAIS, 2017, p. 29).



mais conservadora: levantamento recente indicou diferença ideológica entre homens e mulheres jovens” da folha de São Paulo, “Juventude e Conservadorismo; qual a contradição?”, do Nexo políticas públicas, “A misoginia é a força motriz dos ataques às escolas” [REDACTED], “Consumo precoce de pornô aumenta a probabilidade de misoginia, diz estudos” da página tilt da UOL. Entre outras reportagens, dentro dessa problemática, ao todo foram dez capas. Após a exibição de todas as manchetes, os alunos compartilharam aquilo que mais chamou atenção. Nas duas escolas que desenvolvi essa sequência, os alunos legitimaram as reportagens e relacionaram com cenas vivenciadas na escola e na vida pessoal.

A próxima lâmina trazia características da geração Z. Questionei-os se concordavam com os apontamentos e se eles se identificavam. Na Escola Aurea, não usei a mesma lâmina, pois alguns dos alunos são parte de outro grupo geracional. Entretanto, conversamos sobre como entendemos e identificamos um grupo geracional, quais os elementos que conectam pessoas dentro de uma faixa etária. Foi bem interessante, que eles mesmos apontaram características comuns entre si, como séries, utilização de plataformas e músicas que gostam de escutar, fazendo sentido a análise de compreender o comportamento das gerações.

Posteriormente, os estudantes foram convidados a assistir uma reportagem exibida no Jornal da Cultura, no dia 30/04/2024<sup>5</sup>. A reportagem intitulada: *vídeos contra mulheres na internet*, dizia a respeito de uma pesquisa realizada na Irlanda, sobre conteúdos preconceituosos divulgados nas redes com um público-alvo específico: meninos entre 16 e 18 anos de idade. A pesquisa revelou que esses meninos, são induzidos para essa temática de violência, automaticamente, como é programado pelos algoritmos, ou seja, mesmo sem que fazer a busca sobre o assunto, ele aparece para esse público de forma viralizada. A reportagem trouxe apontamentos sobre a machoesfera, que divulga conteúdos misóginos, pregando um movimento antifeminista, indagando sobre o mal que o feminismo causou e causa na vida dos homens, e sobre uma suposta superioridade masculina. Em uma tentativa bem clara, de organizar os sentimentos desses meninos de forma deliberada e intencional. Após a exibição da reportagem, reproduzi no slide, um trecho da reportagem, demonstrando o ousar das redes por faixa etária, e como as redes sociais induzem os meninos/adolescentes para o consumo de conteúdos que depreciam as mulheres por minuto, e quais narrativas se conectam aos algoritmos. Convidei os alunos a falarem dos seus sentimentos em relação à reportagem. Cabe ressaltar que no Ensino Médio, os meninos presentes, ficaram em alguns momentos na ofensiva, e apontaram uma espécie de “exagero” na reportagem. Havia presente um casal de

---

<sup>5</sup> Jornal da Cultura. Da TV Cultura. São Paulo, 30 abr. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rBK8SJKQ524w>. Acesso em: 14/06/2025.



namorados, muito participativos, que também questionaram essa realidade. A menina, concordava explicitamente com o seu parceiro. Mas em contrapartida, as outras meninas, não só reconheceram as estratégias mostradas na reportagem, como trouxeram exemplos pessoais, de dentro da escola e de fora dela. Com o questionamento de que, se meninas “livres” e meninos “livres”, se relacionam com mais de uma pessoa em dado espaço de tempo, o próprio coletivo reconhece e legitima de forma diferente o comportamento de ambos. Para os meninos, é positivo enquanto que para as meninas, é negativo. Foi muito interessante perceber que os próprios meninos presentes, foram ao longo da discussão, mostrando os memes e figurinhas das suas redes sociais e grupos de WhatsApp, entendendo-as realmente como narrativas violentas e intencionais. Contaram histórias pessoais, suas e de suas famílias, de situações de violência e depreciação de outras meninas e mulheres, que reconheceram e vivenciaram. Essa interação, com exemplos pessoais, aconteceu em todas as ações realizadas e com o mesmo sentimento em relação a comportamentos tido como positivo ou negativo, legitimado diferentemente de acordo com o gênero da pessoa, inclui-se aqui, alunos trans que participaram das ações nas duas escolas.

Na próxima lâmina, apresentei uma síntese do que vimos até o momento, indicando conceitos encontrados no currículo e no escopo sequência do 1º semestre das aulas de Sociologia. Aqui, abri outra problemática: a pornografia e o seu consumo. Falamos brevemente sobre a relação de poder que existe nesse universo, a conotação foi no sentido de compreender que há uma transformação cultural que precede o ato violento em si, e esse ato, passa pela desumanização da mulher. Por tanto, a desumanização das mulheres, banaliza o ato de violência contra elas. Para dar continuidade a essa reflexão, apresentei a charge a seguir:





A partir da reflexão do material apresentado até aqui, e da intervenção dos estudantes nas problemáticas, ao analisar a charge acima, indaguei sobre a credibilidade que damos enquanto sociedade para alguns comportamentos. Quais são os comportamentos aceitos e quais são questionados? Podemos dizer que o corpo de uma mulher “custa” quanto em dinheiro? É um produto para ser consumido? Essa discussão no Ensino Fundamental, da Escola Aurea, trouxe uma inquietação nova para mim, os meninos têm os jogadores de futebol, como referência em suas vidas. Eles demonstram muita “paixão” no que diz respeito aos jogadores. Aparentemente, não queriam acreditar que alguns ídolos podem ter comportamentos que não são tão legais e tentaram separar as atitudes da imagem dos ídolos. E nesse momento, foram as próprias alunas e alguns professores que propuseram reflexões aos alunos, não fechamos como certo ou errado, mas levantamos a inquietação. Como direcionamos nosso olhar, será que podemos legitimar ou não, o comportamento violento de alguém ou de um grupo?

A partir daqui, entra em cena pensar o percurso do processo de desumanização. O percurso de desumanização de alguns corpos é muito mais antigo do que aparenta. A proposta foi pensar como construímos estereótipos sobre gênero com normas e padrões estabelecidos, através de cores, brinquedos, atividades nos espaços públicos e privados, entre outros. Assim os processos históricos ajudam a construir uma leitura sobre o que chamamos de papéis sociais, ou papéis de gênero. Então, supomos, que a sociedade espera um papel para mulheres e um para os homens. Nessa perspectiva, queria dizer que a conversa até aqui, era para compreender que somos frutos de um processo construtivo, dos meios que nos cercam, das histórias que nos rodeiam, mas elas nem sempre são neutras e genuínas, na verdade, quase nunca são. Para ampliar a fala que estabeleci nesse momento, passei para a última etapa expositiva, a exibição do trailer do documentário: o silêncio dos homens<sup>7</sup>. O trailer trouxe a reflexão sobre o comportamento dos homens e da chamada masculinidade tóxica, também chamei a atenção para a reprodução desse comportamento por mulheres, e de como vamos “banalizando esse mal”, esse comportamento tóxico e violento presente em tantas relações amorosas, familiares e sociais, como na escola, por exemplo.

Por fim, finalizei com a discussão sobre o conceito de feminismo, sendo um

---

<sup>7</sup> Papo de Homem e Instituto PdH. (2019). O silêncio dos homens. Disponível em: YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>.



movimento político, social, complexo e diverso, que encabeçou diversas conquistas políticas e sociais e assim, continua a fazê-lo frente a tantos ataques a nossa existência. A pergunta final que fiz em todas as apresentações foi: agora que identificamos como as narrativas são construídas e o que elas querem nos dizer, é preciso saber, de que lado da história queremos estar?

A partir dessa indagação, na última meia hora de encontro, partimos para a etapa da sistematização dessa vivência. O intuito era despertar o protagonismo juvenil a partir da escolha de um dos lados: unanimemente foi do compromisso com uma sociedade mais justa para todos e todas. Assim, convidei os alunos a se dividirem por temáticas e elaborarem alguma maneira de replicar algum desses temas para o restante da escola. Eles poderiam produzir painéis, palestras, atividades diferenciadas, rodas de conversas com outros professores, mas teriam que elaborar um plano de ação.

Na E.E Prof.<sup>a</sup> Nair Ferreira Neves os alunos dividiram rapidamente as temáticas e deliberaram duas pessoas para realizar palestras na sala de aula, alinharam os temas mais complexos para as 3<sup>a</sup> séries e os que consideraram mais “tranquilos” para as 1<sup>a</sup> séries. A proposta do presidente do grêmio, era apresentar uma espécie de síntese de cada aula, no dia do evento do grêmio que será na escola toda.

Na E.E. Prof.<sup>a</sup> Aurea Moreira Rachou, os alunos se dividiram e resolveram que fariam uma peça de teatro que apresentação poderia acontecer na escola em algum momento específico como em um intervalo estendido e que também, fariam a apresentação na reunião de responsáveis.

## **CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ideia de compreender a educação como um processo social e histórico, atravessa a atuação dessa sequência didática. Porém, é preciso ressaltar que se trata um esboço, uma espécie de protótipo de uma futura proposta de pesquisa. Entendo que é necessário, ajustar lacunas e construir com mais rigor os critérios fundamentais da pesquisa científica, como explanado no início de texto. Entretanto, o projeto de trabalho desenvolvido nessas duas escolas do Litoral Norte de São Paulo, teve a proposta de pensar a Educação baseada no diálogo. Isso por que, desenvolver os conceitos que envolvem o conhecimento de forma mais crítica e contextualizada, nos permite pensar a cultura que estamos inseridos e como estamos interagindo na construção do mundo real. Esse percurso teve o objetivo de gerar uma pequena

transformação social. Porém, ressalto, que esse é um processo de construção crítica, que precisa ser mais desenvolvido. Essas ações foram esboços, para investigar a consciência coletiva da cultura juvenil na perspectiva da violência de Gênero. O foco aqui, foi começar a pensar como a violência vem sendo construída -e facilitada, pelas novas tecnologias digitais, como a Inteligência Artificial.

Todavia, refletir sobre gênero, pornografia, violência, entre outros, em uma proposta de interação e escuta ativa, para pensar a realidade que estamos inseridos como profissionais da educação, também é urgente e fundamental. Na concepção de dialogar com a juventude, pensar quem é o oprimido e quem é o opressor, se torna fundamental para entender que os homens em si, “não são o vírus e os meninos podem e devem, ser a cura, e não a causa do machismo” (QUEIROZ, 2023). Combater a consequência da violência é importante, mas muito mais importante que isso, é pensar que sociedade queremos construir de fato. Assim, o projeto também teve a finalidade de auxiliar à comunidade escolar, a identificar para enfrentar a violência de gênero tão presentes em múltiplas facetas das relações humanas. A prerrogativa de pensar, quais os limites e as possibilidades que se apresentam, se quisermos de fato, consolidar o Estado Democrático de Direito no Brasil, torna-se necessário a discussão das narrativas de violência, para compreendermos sobre a verdadeira face por trás dessa construção, pois como diz Bell Hooks, “a verdade é o coração da justiça”. E com isso, refletir como estamos construindo nossos afetos? Eu volto na provocação inicial, afinal, qual é o papel social da escola?

Compreender o perfil da juventude brasileira, avaliar as políticas públicas voltadas especificamente para esse grupo, sobretudo no ciberespaço direcionados a eles, é imprescindível. Escutá-los sobre a realidade da que estão inseridos, possibilita que meninas e meninos possam reconhecer-se como produtoras da história, da vida social e do conhecimento coletivo. Estou convencida, de que uma Educação crítica e reflexiva, se faz urgente inclusive para garantirmos a segurança da nossa existência.



## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0. Boi Tempo, 2020.

DARDOT, Pierre; GUÉGUEN, Haud; LAVAL, Christian; SAUVÊTRE, Pierre. A Escolha da Guerra Civil: uma outra história do neoliberalismo, São Paulo: Elefante, 2021.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>

GUIMARÃES, André. A dessubjetivação do trabalho: o homem como objeto da tecnologia. Revista de Economia Contemporânea, v. 13, n. 2, ago. 2009.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020. HOOKS, bell.

HIGÍDIO, José. Alerta vermelho: red pill, incels e a misoginia da manosphere. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/229349fb-aefa-45bd-876e-bd4ec3bda486/tc4936-Jose-Silva-Alerta.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

VILAR, Grazielle; MIKLOS, Jorge. *Formando Futuros: A Educação dos Meninos como Antídoto ao Machismo*. Uma resenha de 'Os Meninos São a Cura do Machismo' de Nana Queiroz. São Paulo: UNIP, 2023.